

A IMPORTÂNCIA DA CONFECCÃO E UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS CONCRETOS DE BAIXO CUSTO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO

Danielle Mendes de Carvalho Prata¹

Valdete Leal de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo, relatar a experiência vivenciada no projeto denominado Ciência na ilha, que foi realizado durante os meses de Novembro e Dezembro de 2023 na Cidade de Salvaterra Pará. Este evento reúne trabalhos acadêmicos e escolares apresentados em forma de oficinas e exposições temáticas, dentro desse contexto, desenvolvemos uma oficina chamada a Construção de um material concreto para auxiliar na mediação do Ensino e Aprendizagem de alunos atípicos dos anos iniciais: uma proposta interdisciplinar, com o objetivo de capacitar e instruir professores, pais e comunidade em geral acerca da importância da utilização de materiais concretos de baixo custo como mediador para aquisição de conhecimento, e como esses materiais podem auxiliar como mediadores ao longo do processo ensino-aprendizagem, o público alvo dessa intervenção foram professores, pais, estudantes da rede pública, graduandos de cursos de licenciatura e comunidade. Para o desenvolvimento da presente oficina foi necessário a formação de três grupos de participantes cada grupo teve em média 40 minutos para confeccionar seu material neuropsicopedagógico, a partir de materiais de baixo custo previamente selecionados. fez-se necessário uma apresentação introdutória de alguns Transtornos do Neurodesenvolvimento, bem como eles podem afetar a troca de experiência e conhecimento, sobre tudo nos anos iniciais da Educação básica. Os resultados do presente trabalho sugerem que é possível realizar a inclusão escolar e social de alunos com Transtorno do neurodesenvolvimento, nos anos iniciais do Ensino fundamental, a partir da utilização de materiais concretos feitos com recurso de baixo custo.

Palavras-chave: Materiais concretos, Transtorno do Neurodesenvolvimento, Pais, Professores.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura integrada em Ciências Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará (UFPA)- , silvajoas343@gmail.com

² Professora Orientadora : Professora Dr. da Universidade Federal do Pará- coautor1@email.com;

INTRODUÇÃO

No processo ensino e aprendizagem se faz importante e necessário o papel e a participação de todos os envolvidos, seja professor, escola, pais, comunidade e o aprendiz o próprio aluno. E pensar como esse processo ocorre suas dimensões e nuances será de fundamental importância para o melhor aproveitamento e desenvolvimento cognitivo de cada aluno, impactando positivamente a vida social, educacional e laboral desse indivíduo, para promover uma educação assertiva e inclusiva.

No direcionamento desse trabalho para o desenvolvimento da oficina proposta, foi preciso buscar e estudar através das contribuições de Jean Piaget e Lev vygotsky, como a aprendizagem acontece, como essa prática está sendo aplicada e como esse ser passa a ser um protagonista do seu conhecimento e de seu desenvolvimento, entendendo como uma criança típica se desenvolve para então entender como ocorre esse desenvolvimento em uma criança atípica com comprometimentos e alterações causados pelos transtornos do neurodesenvolvimento. Para Vygotsky (1993), “todos os seres humanos são capazes de aprender, mas é necessário que adaptemos nossa forma de ensinar”. E é dentro desse contexto de ensino e aprendizagem de pessoas com Transtorno do neurodesenvolvimento que se fez necessário, entender que cada aluno, traz consigo suas características, particularidades e suas potencialidades, juntamente com suas dificuldades e tudo isso os torna únicos, para tanto o aprender e como aprender é o objeto de estudo que cada vez mais tem gerado olhares, bem atenuados, muitas pesquisas e muitos debates a cerca do tema tem sido desenvolvidos, uma vez que esses transtornos resultam em déficits de aprendizagens e outros prejuízos para essa pessoa neurodivergente. Para Vygotsky, a aprendizagem é um processo pelo qual um indivíduo adquire novos conhecimentos, habilidades, opiniões e comportamentos, sua teoria gira em torno do desenvolvimento humano. No entanto, quando depara-se com uma criança com transtornos do Neurodesenvolvimento, esse desenvolvimento, essa

aquisição de novos conhecimentos e habilidades, podem sofrer alterações e trazer grandes desafios não somente para o professor, como até mesmo para quem convive com essa criança. Por isso é de fundamental importância conhecer esse aluno, saber o que ele traz consigo, as experiências, seus gostos e suas dificuldades, para uma imersão nessa nova perspectiva.

Para Cunha (2022, p. 33), “ O professor precisa aprender a relacionar-se com a realidade do mundo Autístico, nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o aluno”.

As teorias de aprendizagem juntamente com estudos da Neurociência tem trazido muitas contribuições para explicar essas alterações cerebrais significativas em pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento e também como a aquisição desse conhecimento ocorre no cérebro, efetivando então uma compreensão mais ampla a respeito do ensino e aprendizagem de pessoas com Transtorno do neurodesenvolvimento.

O aluno com autismo é também um aprendiz que elabora suas ideias, ordena suas ações, fazendo sincronização entre o funcionamento psíquico e a capacidade motora. Sua cognição possui plasticidade, altera a estruturas adapta-se a novas condições, mediada por estímulos. Deste modo, como qualquer aluno, quando estiver em uma sala de aula, estará produzindo processos químicos do cérebro, conexões biológicas e neurológicas, e interruptas correntes elétricas que resultam em sinapses. Estará desejando, amando e possuindo interesses que ajudarão sua cognição, dentro das suas peculiaridades. (CUNHA, p, 110-111).

Oportunizar e incluir o aluno autista é entender que como qualquer aluno típico, esse aluno atípico passa por processos neurobiológicos e químicos e que portanto as plasticidades oriundas desses processos sinápticos resultaram em interesses cognitivos, mediado por estímulos. Desta forma o principal objetivo deste trabalho foi auxiliar os Professores, Professores em formação inicial, pais e à comunidade, a fazerem uma reflexão a respeito de alunos atípicos neurodivergentes, dentro da sala de aula e fora dela, analisando sua aprendizagem e a partir daí com o auxílio de materiais concretos de baixo custo possibilitar essa mediação não somente de temas relacionados à escola, mas para a vida diária, em muitos casos de crianças com autismo , acabam por não conseguindo chegar a autonomia de afazeres diários ocasionando muitas dificuldades em sua vida futura.

Em muitos casos, não há autonomia para realizar coisas simples e cotidianas, como escovar os dentes ou vestir-se, a vida social passa então a ter grande valor pedagógico a aprendizagem dos usos e costumes torna-se

crucial, no entanto, cada dificuldade poderá servir para inspirar o trabalho na escola, pois cada dificuldade, poderá ser uma habilidade a ser desenvolvida, uma conquista no campo educacional”. (CUNHA, p, 29).

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais em sua quinta edição (DSM-5), desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), classifica os transtornos do neurodesenvolvimento como um transtorno neurológico que traz consigo condições que afetam o desenvolvimento do sistema nervoso central, que pode trazer danos e prejuízos para a aprendizagem ocasionando grandes dificuldades no desenvolvimento de funções cognitivas, como aquisição, retenção ou utilização do conhecimento, memória e percepção. Esses transtornos do neurodesenvolvimento acontecem ainda no desenvolvimento da criança e se manifestam na infância muitas vezes sendo diagnosticados durante o período escolar ou tardiamente.

“(…) se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizadas por déficits no desenvolvimento ou diferenças nos processos cerebrais o que acarreta prejuízo no funcionamento pessoal acadêmico ou profissional” (DSM5TR, 2014, p. 94).

É possível citar alguns desses transtornos do neurodesenvolvimento entre eles estão: O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Distúrbios de Aprendizagem, Deficiência Intelectual, Transtornos da Comunicação, Transtornos motores e o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Para este artigo vamos voltar nossos olhares para o TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), uma vez, que a atividade proposta nesse trabalho foi para pessoas com TEA.

O TEA, é um transtorno do Neurodesenvolvimento, que traz consigo prejuízos quanto à comunicação e ao uso da linguagem seja ela verbal e não-verbal, interação social comportamentos restritos e repetitivos, e que, se inicia ainda na infância conforme mencionado no DSM-5-RT, e que afeta as pessoas de diferentes formas e níveis. Uma estimativa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), diz que existem cerca de 2 milhões de Autistas no Brasil e que segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA, com uma publicação feita em março de 2023 revela, que 1 em cada 36 crianças aos 8 anos é diagnosticada com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nos EUA.

Aqui no Brasil, foi sancionada uma lei de 13.861 de 18 de julho, que obriga o IBGE a incluir em suas perguntas, informações sobre o Autismo no Censo populacional.

Com base nessas informações se torna importante e relevante a atenção de todos os envolvidos seja professor, família e comunidade para esse tema e essa nova geração de crianças com Transtornos do Neurodesenvolvimento, para ser possível novas abordagens e adaptações de conceitos pedagógicos, com um viés contemporâneo, para que seja possível a mediação de ensino – aprendizagem, possibilitando a inclusão.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada , para desenvolver este trabalho foi através de oficinas, e através também de uma revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos que falavam sobre o tema proposto, dentro de um contexto de oficinas ofertadas pelo projeto ciência na ilha que foi realizado na escola municipal de Ensino Fundamental Oscarina Santos, na cidade de Salvaterra/ Pará, no arquipélago do Marajó nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, e foi integrada a terceira feira científica do município de Salvaterra com a participação de alunos em formação inicial professores da rede municipal da cidade de Salvaterra, pais e pessoas da comunidade.

O projeto Ciência na ilha, tem como objetivo fomentar a troca de saberes entre a comunidade ribeirinha e pesquisadores, estimulando a educação e a divulgação científica nessas comunidades, através de apresentação de trabalhos oficinas e exposições. O Ciência na ilha é promovido pelo Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), da Universidade Federal do Pará por meio do clube de ciências da UFPA (CCIUFPA). Para desenvolver esta oficina foi necessário dividir em quatro etapas: apresentação do tema da oficina, roda de conversa teórica, atividades práticas e por fim as discussões, socializações e contribuições acerca do tema proposto. Fez-se necessário, inicialmente o estudo e pesquisa sobre a ótica de revisões bibliográficas correlacionadas ao tema da oficina que denominava-se “Construção de material concreto para auxiliar na mediação do ensino e aprendizagem de alunos atípicos dos anos iniciais: uma proposta interdisciplinar”, enfatizando o material concreto como um possível mediador desse ensino-aprendizagem.

No momento inicial foi entregue para cada participante uma folha A4, para ser preenchida com um nome, data, profissão ou graduação, logo em seguida eles teriam

que responder duas perguntas: se eles sabiam o que significava o TEA, se eles conheciam alguém com o transtorno do neurodesenvolvimento, neste momento foi aberto a oportunidade para que eles socializassem o que escreveram, foi observado, que os participantes sabiam pouco a respeito de pessoas com transtornos do Neurodesenvolvimento, no entanto eles conheciam alguém com, sinais do TEA.

Inicialmente esse questionário foi intencional, para que houvesse a participação de todos os participantes e assim uma interação melhor, onde eles seriam instigados e incentivados a contribuir com o que sabiam, a respeito do tema, assim, facilitando o diálogo e o debate entre todos. No momento em que iniciamos a segunda etapa, foi necessário perpassar rapidamente pelos teóricos da aprendizagem que tiveram muita relevância para esse trabalho e para o desenvolvimento da aprendizagem Lev Vygotsky e Jean Piaget, uma vez que para entender o comportamento e aprendizagem atípica é preciso entender como se dá a aprendizagem como esse desenvolvimento cognitivo acontece segundo as teorias da aprendizagem em crianças típicas, para tanto pode-se dizer que Piaget assim como Vygotsky, acreditavam no construtivismo, no tocante que o ser se constrói como tal através de sua relação com o meio e com o outro. A aprendizagem para Piaget seria a construção da criança com um meio sendo ele um sujeito ativo nessa construção, para ele Piaget, a aquisição do conhecimento ocorre por meio da interação entre o organismo e o meio, e é um processo contínuo de estruturas e esquemas cognitivos que se organizam e se modificam, com o amadurecimento cognitivo da criança, ou seja, esse desenvolvimento biológico, cognitivo vai promover a aprendizagem.

Para Vygotsky a aprendizagem vem antes, ela é que vai promover o desenvolvimento cognitivo, enquanto Piaget traz em cena que o desenvolvimento biológico do sujeito vai gerar a interação através dos estágios do desenvolvimento os quatro estágios (sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal) e com a assimilação, acomodação e equilíbrio. Vygotsky diz, que a interação é que traz à tona o desenvolvimento e que com o passar do tempo, o contato com o externo sócio-cultural, esse ser se encerra na aprendizagem, desenvolvendo-se cognitivamente ou seja, para Vygotsky a aprendizagem vai desenvolver e fomentar esse desenvolvimento.

Essa conversa com os participantes da oficina foi fundamental para que eles entendessem a aprendizagem e que a criança é um sujeito ativo, com suas

potencialidades e características diferentes que as tornam únicas e que no momento em que elas têm contato com o exterior será possível de alguma forma a aprendizagem acontecer, mesmo que tardiamente e que tenham alterações e limitações. Nesse momento foi possível fazer uma reflexão sobre o real socioconstrutivismo, nessa perspectiva de ensino e aprendizagem, nessa busca de conhecimento e desenvolvimento humano, na arte de ensinar e aprender.

A partir dessa construção, nesse debate foi enfatizado a importância de cada professor, de cada pai ou profissional da área educacional ou pertencente à comunidade de entender como o aluno atípico, pode aprender, dentro de suas alterações e limitações pois a aprendizagem é um processo pelo qual um indivíduo adquire novos conhecimentos habilidades e comportamento e a forma metodológica que isso será transmitido fará toda a diferença.

Para (FERREIRA, 2015, página. 314) "O que se aprende deve ser abordado de forma dinâmica, inteligente e está relacionado à vida real do estudante de forma que faça sentido para sua experiência humana".

Cunha (2022,p.28), diz que "o mundo exterior é estimulador para o aprendizado na infância, por intermédio de suas relações exteriores, a criança aprende os nomes dos objetos, podendo utilizar de forma funcional ou simbolizar brincadeiras".

Montessori reforça dizendo que o desenvolvimento da criança é um resultado de experiências efetuadas no ambiente.

Para Comenius (1650) a absorção do conhecimento ocorre do meio concreto para o abstrato destacando o fato de aprender fazendo.

Rousseau destacou que a prática de experiências com objetos, contribuem com a aprendizagem.

Nesse grande contexto de teóricos da aprendizagem, os participantes da oficina entenderam que é possível gerar aprendizagem, em alunos atípicos, no entanto, esses alunos neurodivergentes, encontrarão certas dificuldades como no caso de alunos com Autismo, e dentro desse processo, Nilson (2004, 52-53), faz uma importante colaboração, ele diz que, o autista apresenta um pensamento literal, concreto visual e fragmentado ocorre um tipo de estímulo de cada vez, Cunha (2022), diz que: "Autistas possuem dificuldades para interpretar emoções dos outros e para expressar os próprios emoções Cunha (2022, p. 25) continua dizendo que "a criança

autista tem dificuldades para responder aos sinais visuais e normalmente não se expressa mimicamente, mesmo quando é estimulada”.

Cunha (2020, p. 28), "há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre se tornam em conhecimento" .

Sabendo desses fatos é possível ressaltar que, para uma criança autista esse aprendizado e a interação com o exterior será bem mais difícil, uma vez que o cérebro dessa criança sofre alterações e tem dificuldades em fazer relação entre objetos e sua funcionalidade, a interação com o meio será prejudicada trazendo então prejuízos na decodificação, nomeação e na linguagem limitando as informações a serem transformadas em conhecimento, para um melhor desenvolvimento das atividades e habilidades da vida diária em comunidade, social e laboral.

É notório que, a interação com o meio exterior produz aprendizagem, e isso é muito relevante e conseqüentemente possibilita, o desenvolvimento cognitivo nas crianças apesar de desenvolvimento e aprendizagem não serem as mesmas coisas mas estarem correlacionadas, as experiências práticas com o concreto farão toda a diferença nesse processo.

As atividades práticas consistiram em dividir os oficinairos em três grupos, onde cada grupo construiria seu recurso pedagógico, a partir do que havia sido proposto na roda de conversa, dentro do tema voltado para crianças atípicas com transtornos do neurodesenvolvimento, no caso crianças com Autismo, cada grupo ficou responsável por um material concreto que contemplasse uma tríade que compõem os sinais do autismo eles escolheram a comunicação, que dentro do Espectro do Autismo gera prejuízos severos em alguns casos, como dificuldade e ausência na fala.

Na sistematização da atividade cada grupo construiu o seu recurso pedagógico com o material concreto disponível, uma vez que esse recurso pedagógico ajudaria aquele aluno atípico na sua comunicação, foi então dado um caso clínico que reportava as seguintes características e sinais de um aluno com Autismo: **“Aluno da Educação Especial (AEE), com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com 6 anos de idade no primeiro ano do ensino fundamental dos anos iniciais, ele apresenta dificuldade no processo de aprendizagem, com transtornos de fala e não se comunica de forma funcional, com ausência de comunicação verbal e possui dificuldades com as atividades diárias”.**

Dentro da perspectiva desse caso, cada participante da oficina deveria com base no caso e nas teorias de aprendizagem que foram propostas, dar início à construção do seu recurso pedagógico para mediação do ensino aprendizagem daquele aluno, atípico previamente foi preciso apresentar o modelo de material já confeccionado por nós, que se chamava de pasta de comunicação alternativa, que utiliza cartões com figuras, que trabalha por meio de trocas de figuras, uma vez que, pessoas autistas são atraídas por essa questão sensorial. Dentro da pasta de comunicação alternativa, continha atividades interdisciplinares e também de rotinas diárias, uma vez que esse aluno possuía dificuldade com as rotinas da vida diária.

O desafio de cada grupo foi criar um quadro de rotinas diárias para esse aluno, com o objetivo de facilitar a comunicação entre ele e seus professores, e seus familiares, então foi entregue para cada grupo materiais concretos reutilizáveis, como palito de picolé, barbante, capa de caderno usado, cartolina, tampinha de garrafa pet, eva, cola, canetinha, tinta e pincel, preparamos algumas imagens com tarefas e rotinas previamente selecionadas para serem trabalhadas no quadro de rotinas tais como: horas de acordar, ir ao banheiro, escovar os dentes, almoçar e outras rotinas.

Logo após o término da construção do quadro de rotinas, foi possível fazer uma reflexão, a cerca de tudo que foi visto na oficina, cada grupo contribuiu explicando o seu material concreto confeccionado por eles mesmos, e como aquele recurso ajudaria aquele aluno do caso clínico, todos os grupos confeccionaram um quadro de rotinas que organizaria a rotina daquele aluno autista, e como esse quadro de rotinas era feito por troca de figuras ele se tornaria atrativo para o aluno uma vez que a percepção deste aluno era boa e ele gostava de imagens, de figuras como havia sido falado no enunciado do caso clínico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho, foi de extrema relevância para todos os envolvidos na pesquisa uma vez que, foi possível compreender um pouco mais a respeito do desenvolvimento cognitivo à luz das principais teorias de aprendizagem apresentadas na oficina, de Lev Vygotsky e Jean Piaget, identificamos que os recursos pedagógicos feitos com materiais concretos de baixo custo, muitos deles reutilizáveis ajudam e tem relevância no ensino e aprendizagem de alunos com Transtorno do Neurodesenvolvimento, por serem concretos e de uma certa forma chamativos e

atrativos. No momento em que cada participante da oficina estava construindo seu material, eles se envolviam diretamente com aquela história, com aquele sujeito.

Observou-se a importância de se falar a respeito da abordagem pedagógica para crianças com autismo, voltada para os materiais concretos de baixo custo, que não devem ser somente para contemplar as habilidades de comunicação, mas que contemple o sujeito como um todo, sendo levado em consideração a interação, o contexto e a linguagem. Para Orru :

Evidentemente, a diferença do resultado obtido durante o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo está na proposta da abordagem utilizada, pois os símbolos em si mesmos não tem vida própria falta ao autista uma abordagem educacional que não se reduz ao treinamento de habilidade de comunicação mas sim que esteja aberta a sua constituição enquanto sujeito, a partir do desenvolvimento da linguagem, da interação social e de sua contextualização histórica (ORRU, 2012).

Os participantes ao fazerem seus quadros de rotina experienciaram uma possibilidade, de uma comunicação alternativa através do quadro de rotinas e também de aprendizagem de uma rotina e de um comportamento, uma vez que os cartões com as figuras continham imagens de atividade do dia a dia, fazendo com que aquele aluno possivelmente interagisse por meio dos cartões proporcionando uma possível autonomia para aquele sujeito. Esse estudo observou que, ainda a sociedade como um todo sabe pouco a respeito do assunto, Transtorno do neurodesenvolvimento e que a grande preocupação dos participantes da oficina era a respeito da dificuldade da comunicação entre o professor e o aluno, entre os pais e o filho atípico, por se tratar de não haver uma possível comunicação verbal nesse caso. Através das contribuições de Cunha (2020), (2022), Orru (2012), e dos teóricos citados no texto foi possível, compreender um pouco mais, como esse processo de aprendizagem e uma comunicação poderão ocorrer por meio dos materiais concretos de baixo custo.

Com isso, observou-se, que a construção de materiais pedagógicos, a partir das apropriações de conceitos em torno do tema facilitou o entendimento de como utilizar esses recursos para o ensino e aprendizagem de pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento, dessa forma entendemos que ao conhecer o processo do desenvolvimento da criança, isso facilitará as intervenções e mediações a serem aplicadas, seja pelos professores, seja por pais e por pessoas que convivem com pessoas com Transtorno do Neurodesenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho desenvolvido, foi possível concluir que ao professor, aos pais e pessoas ligadas de alguma forma a pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento, cabe um olhar mais atento e desafiador nessa perspectiva, buscando antes de tudo entender que o respeito e a inclusão devem estar juntos e inseridos, tanto na sala de aula quanto em casa e na comunidade, para tanto será preciso inferir conhecimentos a respeito desse tema em todos aqueles que fazem parte do convívio dessas pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento, buscando cada vez mais compreender que todos possuem o direito de se desenvolverem, de aprenderem e de se colocarem na sociedade como pessoas autônomas.

E isso fará toda a diferença para o processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos, ao confeccionar e utilizar como recurso pedagógico os materiais concretos de baixo custo, foi possível inicialmente traçar meios de chegar a uma comunicação alternativa através do quadro de rotinas com alunos com o TEA, que não se comunicam verbalmente. A experiência de construir seu próprio material, empiricamente, gerou nos participantes o desejo de ser cada vez mais um agente de transformação na perspectiva da educação, e assim contribuir positivamente com a inclusão, estimular esses alunos com Transtorno do Neurodesenvolvimento, através de materiais concretos de baixo custo facilitar o ensino e aprendizagem, e em uma possível e futura autonomia. Ainda nessa perspectiva é importante salientar a importância de mais estudos em relação ao ensino e aprendizagem, oriundos das próprias experiências de professores que desenvolvem seu trabalho no dia a dia com alunos atípicos, sem deixar de lado os avanços da neurociência neste campo de estudo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnóstico and Statistical Manual of

Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). American Psychiatric Association, 2013.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA PSIQUIATRIA (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR).

CUNHA, Eugênio. Autismo na Escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. Rio de Janeiro: Wak editora, 2020.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak editora, 2022.

FERREIRA, W. O conceito de diversidade na BNCC: relações de poder e interesses ocultos. Retratos da Escola, Brasília, v. 9, nº 17, p. 314, jul./dez. 2015.

NILSSON, S. (2004). Autismo: Diagnóstico e intervenção. Editora Artmed.

ORRU, S, E. Autismo, Linguagem e educação: Interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak editora, 2012.

PIAGET, J. A representação do mundo na criança. Rio de Janeiro: Record, 1936.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. A Construção do Pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

